

AS FORMAS ALTERNANTES DA LATERAL PALATAL À LUZ DE MODELOS MULTIRREPRESENTACIONAIS

Eliane Pereira Machado Soares¹

Resumo: Neste artigo, tomando por base dados da consoante lateral palatal no falar paraense (Soares, 2008; 2016), fazemos uma discussão inicial, considerando princípios teóricos da Teoria de Exemplares e da Fonologia de Uso, de acordo com a aplicação e discussão feitas por Cristóforo-Silva (2003; 2017); Cristóforo-Silva e Guimarães (2013); Cristóforo-Silva e Gomes (2017). Por tais princípios, pode-se concluir que dentre os exemplares encontrados, a maior frequência de uso das sequências l e lj faz delas os exemplares característicos da consoante lateral palatal, reforçando com isso as suas representações mentais de percepção e produção dos sons, no falar em estudo.

Palavras-chave: Lateral palatal; Teoria de Exemplares; Fonologia de Uso.

Alternating forms of the palatal lateral in the light of multi-representational models

Abstract: In this article, based on data on the palatal lateral consonant in Pará speech (Soares, 2008; 2016), we make an initial discussion, considering theoretical principles of Exemplar Model and Usage-Based Phonology, according to the application and discussion made by Cristóforo-Silva (2003; 2005; 2017); Cristóforo-Silva and Guimarães (2013); Cristóforo-Silva and Gomes (2017); Based on these principles, it can be concluded that among the examples found, the greater frequency of use of the sequences lj and lj makes them the characteristic exemplars of the palatal lateral consonant, thereby reinforcing their mental representations of perception and production of sounds, in speaking, in study.

Keywords: Palatal Lateral. Exemplar Model. Usage-Based Phonology.

INTRODUÇÃO

A lateral palatal é um som raro nas línguas do mundo (cf. Wong, 2017) e sujeito a diferentes formas de produção e interpretações quanto aos aspectos

¹ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2371-3236>; E-mail: eliane@unifesspa.edu.br

acústico-articulatórios. A gama de variação envolve formas gradientes, desde a sua realização lateral palatal plena, passando por segmentos com diferentes graus de perda da articulação palatal até o seu apagamento.

Isso se deve ao fato de a lateral palatal apresentar características fonéticas peculiares que permitem dizer: 1) trata-se de um som complexo, ou seja, de dupla articulação (consonantal e vocálica) ou geminada fonológica; 2) esse segmento pode ser produzido a partir de diferentes pontos articulatórios (palatal; pré-palatal) por diferentes articuladores (ponta, lâmina ou dorso da língua), que ora o coloca entre as coronais ora entre as dorsais e 3) a lateral palatal pode ser realizada como palatal *verdadeira* ou palatalizada, envolvendo diferentes processos fonológicos.² A instabilidade na produção desse segmento pode ser constatada em diversos estudos nas línguas do mundo, especialmente no Português Brasileiro, que apontam para a alta produtividade em suas realizações, o que torna sua caracterização e forma de representação um tanto diferenciada de autor para autor.

Neste trabalho, propomos algumas discussões sobre as formas alternantes da lateral palatal, no falar paraense, à luz das discussões e aplicações feitas por Cristóforo-Silva (2003; 2017), Cristóforo-Silva e Gomes (2008); Cristóforo-Silva e Guimarães (2013); Cristóforo-Silva e Gomes (2017) a fenômenos do Português Brasileiro, tendo por base a Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) e a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001). Pretendemos assim discutir sobre quais representações mentais de percepção e produção das sequências da lateral palatal estão sendo reforçadas como padrões fonéticos na variedade em estudo.

MODELOS FONOLÓGICOS MULTIRREPRESENTACIONAIS

Os modelos lineares e não lineares anteriores aos representacionais partem do conceito de fonema como unidades abstratas, compostas por traços contrastivos que se estabelecem por distribuição, em pares mínimos, nos sistemas fonológicos. Assim, buscam evidenciar as regras, as propriedades, os traços, oferecendo generalizações que representem o conhecimento linguístico,

² Para maior aprofundamento: Recansens et al (1993); Matzenauer-Hernandorena, (1994); Silva (1996; 1999); Wetzels (2000); Albano (2005); Stein (2011); Gamba (2015); Casero et al (2016); Wong (2017), Reis e Espesser (2006).

as representações subjacentes dos falantes sobre o componente fonológico. Entende-se que a variação faz parte do mapeamento fonológico dos falantes por distribuição complementar e por similaridade fonética, mas não das representações fonológicas, mentais.

Na década de 2000, outros modelos fonológicos vão trazer uma nova abordagem dos sistemas fonológicos, a partir da noção de linguagem como sistemas dinâmicos e multimodais, caracterizando-se por serem *multirrepresentacionais* dentre entre eles, a Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001) e a Fonologia de uso (BYBEE, 2001), discutidos e utilizados por Cristóvão-Silva (2003), Cristóvão-Silva e Guimarães, (2013); Cristóvão-Silva e Gomes (2017) em análises de segmentos fonológicos do português e que nos servem de aporte para a discussão aqui proposta.

Os modelos multirrepresentacionais entendem que o conhecimento dos sons de uma língua não é estanque, ao contrário, é contínuo e envolve diferentes conhecimentos, não só o linguístico, que interagem entre si, os quais permitem ao falante fazer generalizações. É o que preconiza a Teoria de Exemplos que incorpora ao seu modelo de representações do sistema fonológico o conhecimento linguístico e não linguístico - ou seja, a percepção e a produção - dos falantes a partir do item lexical ou *exemplar*.

A palavra é a unidade representacional por excelência, considera-se que o conhecimento que o falante tem dos sons da língua, dos padrões fonológicos, é determinado pelo uso, pelo conhecimento das palavras, nas quais os sons se realizam e nas quais podem variar conforme o contexto, individualmente.

Isso significa que adquirir um sistema sonoro de uma língua é adquirir outras propriedades adquiridas em contexto, tais como “o detalhe fonético, os efeitos de frequência, a qualidade de voz específica de um indivíduo, dentre outros aspectos” (CRISTÓFARO-SILVA e OLIVEIRA-GUIMARAES, 2013: p. 317). Portanto, a memória e a frequência de usos são fundamentais para o mapeamento fonológico e para as representações mentais: não só a categorização de um som, mas também padrões de variação e o alvo fonético de um som fazem parte do conhecimento e do mapeamento fonológico.

A frequência dos usos impacta o conhecimento, de duas formas: pela frequência de tipo e de *token*. Pela frequência de tipo se entende a ocorrência do detalhe fonético e pela frequência de *token* a ocorrência de item lexical que carrega o detalhe fonético num dado corpus. Os *tokens* se agrupam em uma nuvem, conjunto ou feixe, registrados pela memória, compondo o mapa

cognitivo para uma dada categoria de som. Uma nuvem de exemplar guarda informações linguísticas e não linguísticas, remetendo ao um conjunto de experiências perceptuais do falante, fazendo parte das representações mentais.

A Teoria de Exemplares fundamenta-se ainda em pesquisas experimentais para definir o que torna um exemplar parte de um conjunto, considerando a produção e a percepção dos falantes. É a avaliação da *força de ativação* dos exemplares que define os padrões fonéticos, levando em conta a semelhança fonética, o que, em termos acústicos corresponde a F.

A Fonologia de Uso também considera que as experiências afetam as representações mentais dos falantes, de forma que a categorização dos objetos linguísticos se faz por similaridades, a partir dos itens lexicais.

Nessa concepção, rejeita-se a palavra com entrada única no *dicionário mental*, como nas fonologias anteriores. Entende-se que as diferenças contextuais ou diferenças decorrentes de aspectos particulares de pronúncia de cada falante demonstram que variação faz parte da palavra e é assim memorizada, de acordo com a frequência de usos, compondo assim as representações abstratas, mentais dos segmentos sonoros.

Cristóforo-Silva lembra, entretanto, que há limitações da memória e do ouvido humanos, de modo que a inserção de um exemplar no mesmo feixe de outros correspondem a uma classe percebida no mesmo espaço de experiências perceptuais.

... um conjunto de exemplares influencia a categorização de exemplares de um novo exemplar (ou *token*). A semelhança fonética é avaliada pela relação de determinado exemplar num determinado espaço de exemplares. (Cristóforo-Silva, 2003: p. 211)

É essa semelhança que leva um exemplar a entrar num espaço, sem sobrecarregar a memória, e levando em conta o que é perceptível ao ouvido.

Em suma, ambas as teorias, Teoria de Exemplares e a Fonologia de Uso colocam tanto o campo linguística (o detalhe fonético, as informações acústicas e articulatórias), como o não linguístico (pragmáticos, sociolinguísticos), como parte do conhecimento do falante, conforme a frequência das palavras e dos detalhes fonéticos associados a um mesmo som. Em consequência, quanto maior o número de exemplares de um detalhe fonético, mais o detalhe fonético se torna “robusto”, inversamente, quanto menor, mais se enfraquece (Cristóforo-Silva, 2003).

ASPECTOS SOCIOFONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LATERAL PALATAL

Estudos sobre as laterais palatais nas línguas do mundo demonstram que são sons raros e estão sujeitos a muita instabilidade articulatória e acústica (WONG, 2017). Isso decorre do fato de serem segmentos complexos, com articulação primária consonantal e secundária, vocálica³, que leva aos diferentes do modo como podem ser produzidos: 1) tanto com a parte frontal (ápice e lâmina) da língua 2) quanto com a medial (dorso) em contato com a parte central do palato duro, podendo envolver as regiões alveolar, pós-alveolar, ou 3) com a parte medial (dorso) em contato com a parte central do palato duro com a ponta da língua tocando os dentes inferiores. Em todas essas produções, obviamente, o maior ou menor contato com o palato duro é a região que garante a articulação palatal dessa consoante⁴ e o menor contato as formas alternantes. Ladefoged & Maddieson (1996) registram a articulação da consoante lateral palatal pelo o contato entre o dorso da língua e o palato duro, porém afirmam área de extensão dessa extensão de contato não é a mesma para as diferentes línguas, podendo haver ou não contato do ápice da língua com os dentes.

Do ponto de vista acústico, em diferentes análises, a realização da articulação da lateral palatal ocorre em três etapas: a articulação palatal se dá onde há no espectrograma um distanciamento, numa fase dita estacionária, entre os formantes F_1 e F_2 , com frequências mais altas, que corresponde em sua maior parte à região dorsal da língua, mas também em alguns estudos ocorrendo a articulação simultânea da ponta da língua, caracterizando-se por ser é um gesto moroso (portanto, vocálico), tendo um tempo maior de duração; Stein (2011) registrou na última etapa, entre F_2 e F_3 , a presença de um segmento semelhante a *i*.

Por essa razão, encontramos diferentes classificações para esses sons: ora caracterizados como coronais (obstrução do ar com a ponta da língua ou lâmina: apical (+ant ou -ant) ou laminal), ora dorsais (isto é, posteriores, com a obstrução do ar pelo dorso/meio da língua), e até coronais e dorsais, simultaneamente. Tais possibilidades articulatórias geram diferentes processos fonológicos, sob

³ Devido às características acústicas semelhantes às de *i*, em decorrência da articulação palatal.

diferentes notações fonéticas e nomenclaturas para fenômenos idênticos, como palatalização, despalatalização, semivocalização e apagamento, que encontram apoio em análises acústicas e que se encontram correlacionados aos fatores sociais.

No sistema fonológico do Português, a lateral palatal tem ocorrência bastante limitada: em onset inicial não absoluto de sílaba. Isso pode ser explicado por razões históricas, mas também por restrições fonotáticas da língua.

Câmara Jr. (1977) atesta que essa consoante não fazia parte sistema fonológico do latim que contava somente com as laterais anteriores simples e geminadas. A entrada dela na língua portuguesa, bem como nas demais línguas românicas, em especial na língua portuguesa se deve a fenômenos assimilatórios, condicionados pela vogal /i/ depois a /l/ nas sílabas -lia, -lie, -lio que passaram português, como -lha, -lhe, -lho.

O processo de palatalização de /l/ se deu primeiramente com o /i/ tornando-se semivogal, depois fundindo-se a ele, realizando-se palatalizada, como variante posicional, para posteriormente tronar-se a lateral palatal em oposição à lateral dental/alveolar simples. O fenômeno também foi favorecido nos grupos de consoantes intervocálicos -pl-, -cl-, -bl-, -gl-, -ly- que passaram a -lh-. (ex.: *scop(u)lu* > *escolho*; *espec(u)lu* > *espelho*; *trib(u)lu* > *trilho*; *teg(u)la* > *telha*; *cing(u)la* > *cilha*; *filiu* > *filyu* > *filho*).

Vale ressaltar que, em trabalhos atuais, encontramos o termo palatal para recobrir realizações palatais e palatalizada; também os termos palatal e palatalização/palatalizado são utilizados para designar tanto a realização de /l/ em contexto de /i/ quanto a realização de uma variante l', independente do contexto.

Outro aspecto pelo qual se pode entender o comportamento da lateral palatal é pelas restrições fonotáticas que o sistema fonológico da língua portuguesa impõe para suas combinações na sílaba, a principal delas é a proibição dessa consoante (e de outras) em posição de ataque de sílaba em início de palavra, à exceção de poucas palavras, como o pronome *lhe* e do empréstimo linguístico *lhama*. Esse tipo de restrição não é exclusivo à lateral palatal, ao contrário, restrições são fenômenos comuns às línguas naturais e específicas de cada uma e podem colocar um som junto a outros segmentos da língua com os quais não formam classe natural (Madruga e Abaurre, 2015).

No Português Brasileiro, encontram-se trabalhos com descrições fonéticas e sociolinguísticas da lateral palatal que trazem uma variada gama de

realizações que podem ser assim resumidas⁵: lateral palatal ɲ ; lateral palatalizada ɲ^{h} , lateral seguida de semivogal ɲj (despalatalização); lateral l ; semivogal j ; zero fonético ɹ . Essas etapas representam em termos articulatórios o enfraquecimento gradual do contato do dorso da língua com o palato, responsável em termos acústicos pela percepção do traço palatal.

Do ponto de vista sociolinguístico, as três primeiras realizações são consideradas como variantes de prestígio, ao contrário das três últimas, as quais inclusive apresentam um número muito baixo de ocorrências, sendo mais registradas nos falares não urbanos, em falantes masculinos mais velhos e menos escolarizados. Para este trabalho, tomamos como objeto de análise os dados obtidos pelos estudos de Soares (2002; 2008), os quais retomaremos mais adiante.

AS FORMAS ALTERNANTES DA LATERAL PALATAL: ALGUMAS REFLEXÕES À LUZ DA TEORIA DE EXEMPLARES E DA FONOLOGIA DE USO

A consoante lateral palatal tem sido objeto de muitos estudos no Português brasileiro, sob diferentes abordagens teóricas. Essas descrições atestam a gama de variação desse segmento e também a divergência de interpretações e representações fonéticas para os processos fonológicos envolvidos.

A partir da revisão de grande parte dessas discussões teóricas e de sua interpretação das variantes da lateral palatal, Soares (2002; 2008) identificou no falar paraense realizações que corroboram essas análises. A autora também traz uma distinção entre a lateral palatal ɲ e a lateral palatalizada ɲ^{h} , não dependente do contexto da vogal alta i , fornecendo estatisticamente a frequência de cada variante nos corpora estudados.

Considerando os dados dessa autora, a proposta deste artigo é o de utilizar os princípios das teorias apresentadas anteriormente a fim de fornecer mais

⁵ Esse fenômeno recebe diferentes nomes conforme a época e a orientação teórica dos autores, tais como: despalatalização, desconsonantização, semivocalização, vocalização, iotização, iodização, ieísmo, lheísmo.

evidências para se discutir o status das variantes da lateral palatal, a partir da frequência, no falar em foco.

Como se disse anteriormente, essas teorias colocam o detalhe fonético que o orienta quanto aos usos dos sons da língua, a partir da frequência de suas realizações nos itens lexicais, compondo o mapeamento fonológico do falante.

Em uma teoria cujas abstrações têm por base dados empíricos, fonéticos e sociais, a frequência tem um papel crucial para as representações mentais e convém enfatizá-la, conforme aponta Cristófar-Silva (2017), pois exerce dois efeitos sobre as mudanças fonológicas: 1) palavras mais frequentes são afetadas primeiro, o que torna exemplares robustos, devido à repetição de padrões articulatórios inovadores e 2) palavras menos frequentes são afetadas primeiro devido a pouca robustez causada pelo pouco número de exemplares.

Assim, “as mudanças fonológicas com motivação fonética afetam primeiro as palavras mais frequentes e as mudanças analógicas afetam primeiro as palavras menos frequentes.” (Cristófar-Silva E Gomes 2017: p.161). Essa visão de língua em que os componentes da gramática interagem entre si, a partir da dinamicidade da língua, levando em conta dados reais e frequência de usos, é sem dúvida alguma um avanço considerável nos estudos fonológicos, pois permite observar fenômenos variáveis e tendências de mudanças linguísticas.

Como dito anteriormente, a Teoria de Exemplares considera o detalhe fonético em dados atestados acusticamente em laboratório, e considera a frequência para determinar padrões fonéticos, o que é adotado pela Fonologia de Uso, apresentados em diagramas.

Neste trabalho, os dados apresentados não foram submetidos à análise acústica, e sim interpretados impressionisticamente e levando em conta os diversos trabalhos (acústicos e articulatórios) feitos sobre a mesma consoante no Português Brasileiro. Em razão disso, nesta proposta se discute o status das variantes identificadas levando em conta a frequência total dos dados nos corpora analisados por Soares (2002; 2008).

Como se disse antes, na perspectiva das teorias que servem de aporte para essa discussão inicial, a frequência tem papel fundamental, pois resulta das experiências perceptuais do falante. Para tanto, se considera dois tipos de frequência, a de tipo e a de *token*.

Na tabela 1, apresentamos a frequência total de tipo e de *token* da lateral palatal nos dados de Soares (2023).

Tabela 1: Frequência das variantes da lateral palatal

Freq.	Lateral Palatalizada	Lateral +semi-vogal	Lateral palatal	Semivo-gal	Lateral	Zero Fonético	Tot.
	lʎ	lj	ɰ	j	l	ʁ	
%	58	31	5	3	2	1	100

Fonte: elaborado pelx autorx

Como se pode ver, a frequência de tipos mostra que, de um total de 6.184 ocorrências, algumas formas têm maior recorrência: lʎ (58%) e lj (31%), e as demais têm menor recorrência: ɰ (5%), j (3%), ʁ (1%).

O diagrama, que adaptamos de Cristófaros-Silva (2003) ou nuvem de exemplares tem a seguinte configuração (por conveniência, os segmentos não estão representados sílaba):

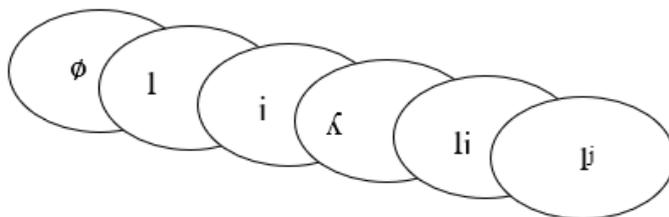


Figura 1: Nuvem de exemplares formas alternantes da lateral palatal adaptado de Cristófaros-Silva (2003)

As variantes encontradas por Soares (2002; 2008), atestam que a sequência ɰ não é a mais frequente nesse falar, ao contrário da maioria dos estudos sobre a lateral palatal à época. Essa autora identifica 6 sequências gradientes em termos de articulação palatal para a qual fornece explicação fonológica, pela Geometria de Traços. Também, suas análises mostram que a variação se encontra correlacionada a diferentes fatores linguísticos (fonéticos e morfológicos) e sociais.

No que tange aos fatores sociais, de um modo geral, mulheres, mais escolarizados, mais jovens e de maior renda tendem ao maior uso da variante lʎ seguida de lj. Quanto aos fatores linguísticos, esses mesmos segmentos têm maior ocorrência em todos os contextos considerados: contexto fonético antecedente

e subsequente da maior parte das vogais; contextos tônicos; nas maiores estruturas silábicas (trissílabas e polissílabas) e classe gramatical (substantivos, adjetivos e verbos nessa ordem).

Os resultados de frequência indicam que dentre os segmentos encontrados nos diferentes estágios identificados para a realização da lateral palatal, as que estão mais próximas são *l̥* seguido de *lj*. Ao que parece, portanto, os índices de frequência encontrados por Soares (2008, 2016) apontam para a conclusão de que essas duas sequências se encontram em competição. Note-se que os contextos sociais mais relevantes à mudança são favoráveis às realizações. Todos contextos linguísticos favorecem essas ocorrências.

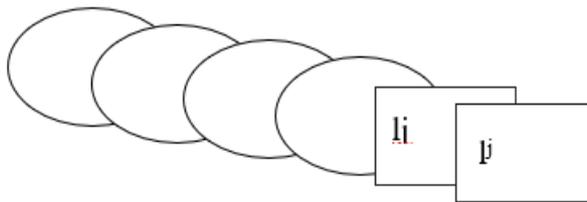


Figura 2: avaliação de [lj] e [l̥] em competição
adaptado de Cristófaros-Silva (2003)

Em conformidade com as teorias que baseiam a análise aqui proposta, as mudanças fonológicas numa língua são implementadas a partir da percepção do detalhe fonético associado a uma forma da língua e da frequência de usos, que por sua vez é relacionada aos fatores de ordem social. Assim, quanto maior a frequência, maior a força de um exemplar, numa nuvem de exemplares. Como resultado, o uso mais frequente de um exemplar pode formar novos conteúdos das representações mentais que levam à mudança linguística.

Noutras palavras, a mudança em favor de uma outra sequência em competição se definirá pela maior frequência de *token* para cada uma. Isso afeta inicialmente as palavras mais usadas que implementam as inovações relacionadas ao detalhe fonético adquirido pelo falante como parte das palavras.

Nos corpora analisados por Soares (2008, 2016) não se estabeleceu correlação dos segmentos com itens lexicais específicos, mas com classes de

palavras a que se filiam os itens em que se identificaram as sequências. Assim, o que se constata é que *l'* tem frequência mais alta nos adjetivos (70%), substantivos (52%) e verbos (65%); seguida do segmento *lj* nos substantivos (41%), adjetivos (40%) e verbos (10%).

Os dados indicam duas situações possíveis em termos de exemplares: a situação em que o segmento *lj* se torna mais robusto por ter maior número de exemplares (fig. 3) e a situação em que *l'* se torna mais robusto (fig.4).

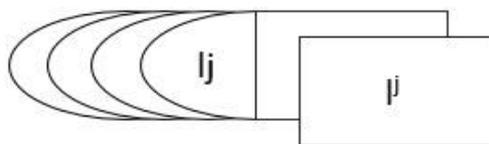


Figura 3: avaliação de [lj] e [l'] em competição adaptado de Cristófar-Silva (2003)

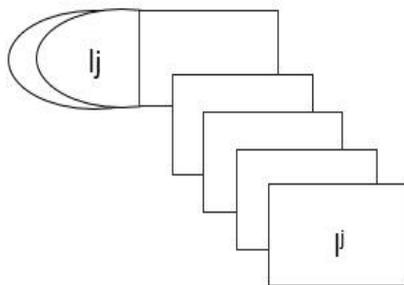


Figura 4: avaliação de [lj] e [l'] em competição, adaptado de Cristófar-Silva (2003)

Note-se que ambas as sequências ocorrem nas duas primeiras classes, mas com uma distinção: *l'* tem maior frequência, em maior proporção, em todas as classes, em especial nos substantivos, que é a classe de palavras de maior itens léxicos. Decorre que outras palavras dessas classes podem surgir no léxico com esse detalhe fonético, fortalecendo mais ainda esse exemplar, por generalizações

para as demais palavras e para novas palavras na língua, tanto por motivação fonética, nas palavras mais frequentes, quanto analógica, nas palavras menos frequentes.

Uma análise comparativa da frequência dessas sequências em outros estudos do Português Brasileiro atual poderia dar maior abrangência à compreensão do fenômeno. Mas no momento, isso não parece viável, como observa Soares (2023, p. 146):

A distinção entre lateral palatal e palatalizada ainda é bastante restrita: alguns poucos estudos identificam a realização lateral palatalizada, outros a colocam junto com a realização lateral palatal. Neste último caso, pode ser por se tratar de interpretação impressionística, contrariando estudos experimentais (como os de Recansens, 2016; Wong, 2017) ou por conveniência estatística, em função do programa de análise, como alguns estudos admitem.

Esperamos então que essa discussão seja retomada num futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva dos modelos fonológicos multirrepresentacionais entende que o falante detém o conhecimento da variação linguística como parte de sua representação mental. O detalhe fonético implementada pela frequência com que determinado fenômeno variável ocorre nos usos da língua, por sua vez entendido como fenômeno gradiente, inerente ao item lexical adquirido.

No caso do fenômeno aqui discutido, entendemos que as variantes em competição são, em termos probabilísticos, *lj* e *l̥*. Nos dados analisados, essas sequências são as de maior ocorrência e são socialmente associadas a fatores que podem levar à mudança linguística.

Neste momento, ambas as sequências atuam como inovadoras na língua, impulsionando a mudança, mas a vantagem em termos de frequência é da sequência *l̥* (lateral palatalizada).

Em consonância com a Teoria de Exemplos e Fonologia de Uso, a mudança em favor de uma sequência dependerá do que permanecerá ou será

excluído do léxico mental dos falantes a partir de generalizações e da frequência determinada pelo uso relacionado aos fatores sociais.

Em suma, a implementação completa dessa sequência, caracterizando mudança de representação mental, vai depender do maior ou menor número de exemplares para cada

Um estudo mais completo, considerando dados experimentais associados com a frequência dos detalhes fonéticos em itens lexicais, poderá trazer mais conhecimento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria. Bernadette Marques. Fonologia: a gramática dos sons. **Letras**, vol. 5, p. 9-24, 1993.

ALBANO, Eleonora Cavalcante. Sobre o Abrimento 3 de Mattoso Câmara: Pistas Fonotáticas para a Classe das Líquidas (On Mattoso Câmara's Aperture 3: Phonotactic Clues To The Liquid Class The Joaquim Mattoso Câmara Junior's Phonological Ideas). **Estudos da Língua(gem)**, *S. I.*, v. 2, n. 1, p. 45-66, 2005. DOI: 10.22481/el.v2i1.994. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/994>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ALBANO, Eleonora Cavalcante. Sobre o Abrimento 3 de Mattoso Câmara: Pistas Fonotáticas para a Classe das Líquidas (On Mattoso Câmara's Aperture 3: Phonotactic Clues To The Liquid Class The Joaquim Mattoso Câmara Junior's Phonological Ideas). **Estudos da Língua(gem)**, *S. I.*, v. 2, n. 1, p. 45-66, 2005. DOI: 10.22481/el.v2i1.994. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/994>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ALBANO, E. C. Sobre o Abrimento 3 de Mattoso Câmara: Pistas fonotáticas para a classe das líquidas. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista v. 2, n. 1, p. 45-66, 2005. Disponível em:



<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/994>. Acesso em: 11 jan. 2022.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CASERO, Katiane Teixeira Barcelos; BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana. A consoante lateral palatal: análise acústica e articulatória à luz da Fonologia Gestual. **ReVEL**, Rio de Janeiro v. 14, n. 27, p. 79-114, jul. 2016. Acesso em 19 dez. 2023.

CRISTÓFARO-SILVA, Taís. **Fonética e fonologia do português**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Descartando fonemas: a representação mental na fonologia de uso. *In*: Dermeval da Hora; Gisella Collischonn. (Org.). **Teoria Lingüística: Fonologia e Outros Temas**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003. p. 200-231.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; OLIVEIRA-GUIMARAES, D. M. L. A aquisição da linguagem falada e escrita: o papel da consciência linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, p. 316-323, 2013. Acesso 19 dez. 2023.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Teoria de Exemplares. *In*: Dermeval da Hora e Carmen Lúcia Matzenauer. (Org.). **Fonologia, Fonologias**. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. v. 1, p. 157-168.

GAMBA, Pedro Augusto. **As soantes palatais no português: uma caracterização fonético-fonológica**. 2015. 199f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2015.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 159-167, dez. 1994.

PIERREHUMBER, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In J. Bybee (Ed.) & P. Hopper. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. 2001, pp. 137-157.

RECASENS, Daniel.; FARNETANI, Eda.; FONTDEVILA, Jordi. An electropalatographic study of alveolar and palatal consonants in Catalan and Italian. **Language and Speech**, Vol. 36, 1993, p. 213-234.

REIS, Cesar; ESPESSER, Robert. Estudo eletropalatográfico de fones consonantais e vocálicos do português brasileiro. **Estudos da Língua(gem)**, Cidade, v. 3, 2006. p. 181-204.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. Caracterização acústica de R, , l e  nos dados de um informante paulistano. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas. N. 37, p.51-68, jul./dez., 1999.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um Informante Paulistano. 1996. 230f. Dissertação (Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008. 187f.

SOARES, Eliane Pereira Machado. Variação Geo-Sociolinguística Da Nasal Palatal No Falar Paraense. **MOARA-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras** v. 2, n. 34, p. 263-282, 2016.

SOARES, Eliane Pereira Machado. A distribuição diastrática e diatópica da consoante lateral palatal no português do Brasil. In: PENA-FERREIRA et al (Org.). **Estudos de linguagem na Amazônia**: homenagem aos 15 anos do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará [Recurso Eletrônico]. Santarém, Pará: Ufopa, 2023.

STEIN, Cirineu. Cecote. O percurso acústico-articulatório da alofonia da consoante lateral palatal. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 5, n. 1, p. 219-246, 2011. DOI: 10.14393/DL9-v5n1a2011-15. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/12450>. Acesso em: 19 dez. 2023.

WETZELS, Leo. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.5- 15, jul./dez. 2000.

WONG, Nicole. **Investigating sources of phonological rarity and instability: a study of the palatal lateral approximant in Brazilian Portuguese**. 2017. 241f. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana, 2017.

Recebido em 15/02/2024
Aprovado em 29/07/2024